

O LUGAR DA AFETIVIDADE RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: REFLEXÕES A PARTIR DA PSICOLOGIA EDUCACIONAL

Rafaella Almeida Aragão¹
Ms. Alessandra Maria Sousa Silva²

RESUMO

O presente trabalho abordará algumas reflexões a partir da Psicologia Educacional sobre o lugar da afetividade na relação aluno e professor. Esta relação é compreendida, considerando a perspectiva histórico cultural da mente. Diante disso, o objetivo é refletir sobre a afetividade na relação aluno-professor, no campo da educação infantil. A metodologia foi qualitativa, com observação participante e o registro em diários de campo. A observação participante foi realizada a partir da inserção da psicóloga na escola e os dados foram registradas em diários de campo. A base foi a análise de conteúdo, com auxílio do software atlas T.i 1.6. Os resultados se organizaram considerando a discussão sobre a afetividades e suas implicações para aprendizagem e desenvolvimento infantil; as peculiaridades da relação aluno e professor e, por fim, a escola, como este espaço que congrega esta relação e sua articulação com a afetividade. Encontrou-se que educar é uma tarefa difícil e complexa e o psicólogo, na escola, pode e deve assumir o papel de agente de mudanças, de mediador do desenvolvimento infantil, que deve incluir reflexões sobre a afetividade nesse contexto. Com isso, urge repensarmos o que mobiliza a função de educar e como o educador exerce essa missão para além de seu lugar institucionalizado.

Palavras-chave: Afetividade. Educação Infantil. Relação professor-aluno.

INTRODUÇÃO

Desde que a educação infantil passou a ser garantida, por lei, como direito da criança, as discussões em torno da escola e das dimensões presentes nesse espaço, se tornaram elementares para o desenvolvimento de políticas públicas e estratégias pedagógicas que pudessem garantir a aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Para Lane (2006) a escola é o segundo meio de socialização, ficando depois da família. Foi assim que a escola passou a ganhar um espaço privilegiado no campo científico, tornando-se uma área fértil para estudos e pesquisas, especialmente no campo da Psicologia Educacional-Escolar e para a Psicologia do Desenvolvimento. Nesse contexto, o professor passou a ser visto como um dos protagonistas desse processo, assumindo assim um papel fundamental que vai para além da construção de conhecimentos cognitivos.

¹ Psicóloga formada pela Faculdade Luciano Feijão (FLF), em Sobral-Ce. E-mail: rafi_nha_aragao@hotmail.com

² Doutoranda em Psicologia, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Faculdade Luciano Feijão (FLF), em Sobral-Ce. E-mail: alexsandramss88@gmail.com

A inteligência, embora historicamente tenha sido associada a rendimento escolar, foi progressivamente sendo interpretada a partir de outras óticas, assumindo perspectivas mais abertas e sujeita a mudanças. Para Nunes e Silveira (2011), a inteligência pode ser relacionada “a capacidade do ser humano de conhecer, entender e transformar a realidade que o cerca, portanto, vai para além do acúmulo de conteúdo e do rendimento do aluno na escola” (p.1449-161). Desta maneira, não se trata de nos preocuparmos apenas com o resultado dos alunos em sala de aula, mas principalmente com o processo que levou ao resultado e é neste caminhar que se localiza as possibilidades de relações sociais e a produção de sentidos e significados, a partir de uma visão histórico-cultural da educação e do desenvolvimento.

Com Goleman (1995) a emoção passa a ser uma dimensão integrada a inteligência, se contrapondo a um paradigma unitário, atravessado exclusivamente pela racionalidade, foi com ele que passou-se a falar em inteligência emocional. Assim, as emoções passam a ser vista como elemento imprescindível para pensar sobre aprendizagem, desenvolvimento e educação. Para Wallon (2005), a afetividade é um campo mais amplo do que o das emoções, é um campo funcional, através do qual o bebê vai estabelecendo seu primeiro contato com o mundo e construindo os significados na sua relação com os outros. Assim a emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos. É fundamental observar o gesto, a mímica, o olhar, a expressão facial, pois são constitutivos da atividade emocional.

Destarte, vale ressaltar que o afeto é algo indispensável nessa relação, pois instiga o aluno a se envolver, aprender e desenvolver. Diante da importância dessa temática, este trabalho vai na direção de refletir e questionar o lugar da afetividade na educação infantil, especificamente no que tange a relação alunos e professores, como essa relação pode ser estabelecida e suas possíveis implicações para o processo de desenvolvimento. Portanto, o objetivo deste artigo é refletir sobre a afetividade na relação aluno-professor, no campo da educação infantil.

METODOLOGIA

Esta pesquisa teve como base a metodologia qualitativa, cujo compromisso voltou-se para entender e aprofundar a complexidade humana, presente na dinâmica afetiva aluno-professor, compreendida sobre a perspectiva social e subjetiva. Isso está consoante com a ideia de Minayo (2001) quando defende que a pesquisa qualitativa se volta para questões subjetivas e reais, no

intuito de compreender os significados, crenças, valores. Para isso, é importante considerar o ambiente onde os sujeitos pesquisados estão, o lugar diferenciado do pesquisador e a influência subjetiva dos envolvidos (GODOY, 1995).

Com base nisto, utilizou a observação participante e o registro em diários de campo. A observação é uma técnica fundamental para o pesquisador, pois o registro e preservação dos fatos, considerando sua dimensão subjetiva e reconhecendo que não há neutralidade nesse processo. O diário de campo “é um documento que apresenta um caráter descritivo analítico, investigativo e de sínteses cada vez mais provisórias e reflexivas” (LEWGOY; ARRUDA, 2004, p. 123). Além disso, é uma técnica que pode favorecer ao pesquisador, uma aproximação crítica do seu objeto de estudo, assim como, possibilita-o reconhecer os limites e as possibilidades de sua investigação.

A pesquisa foi realizada a partir da experiência de uma psicóloga, atuante em uma escola privada, de educação infantil, localizada em Sobral-Ce. Os dados foram reunidos, categorizados e analisados com base na análise conteúdo (BARDIN, 2009). As categorias centrais foram: afetividade; relação aluno-professor; escola.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico, serão analisados e discutidos os dados relacionados a afetividades e suas implicações para aprendizagem e desenvolvimento infantil; as peculiaridades da relação aluno e professor e, por fim, a escola, como este espaço que congrega esta relação e sua articulação com a afetividade. O marco teórico deste estudo, parte Psicologia Educacional e suas interfaces com a Psicologia do desenvolvimento, com ênfase na perspectiva histórico-cultural.

AFETIVIDADE: DO QUE ESTAMOS FALANDO?

O afeto envolve sentimentos e emoções, ou seja, tudo aquilo que nos afeta seja positivamente ou negativamente, assim a afetividade são as relações que se estabelecem a partir de experiências sociais das maneiras mais complexas (LEITE, TASSONI, 2002). Wallon (1999, p.51) destaca: “A afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas tem funções bem definidas se, quando integradas, permitem a criança

atingir níveis de evolução cada vez mais elevados". Acredita-se assim, que há necessidade e urgência de se produzir reflexões sobre o lugar da afetividade para a formação do indivíduo e como ela vem sendo localizada na prática pedagógica.

É perceptível que as demonstrações de afeto durante as práticas de cunho pedagógico influenciam no aspecto emocional da criança, distanciando-se do tradicionalismo das carteiras enfileiradas e da imobilidade do corpo e na relação que a criança mantém com o professor e com o grupo. Com isso, tem-se que *“A afetividade, quando positiva, interfere na autoestima da criança”* (DIÁRIO DE CAMPO). Segundo Wallon (1975), em sua teoria psicogenética o indivíduo é um ser corpóreo, concreto e deve ser visto como tal, ou seja, seus domínios cognitivos, afetivos e motor fazem parte de um todo, a própria pessoa. Desta forma a criança não pode ser percebida de forma fragmentada. A partir desta concepção, o afeto surge como um instrumento que proporciona a integração da criança com a sensibilidade, através da motivação e da conscientização, buscando a formação de um cidadão crítico e reflexivo.

ESCOLA: UM ESPAÇO EXPRESSÃO DOS (DES)AFETOS?

Com intuito de levantar questionamentos sobre a afetividade na escola, compreende-se que é considerável analisar esse contexto, pois cabe também ao professor um papel de facilitador onde ele tem uma fundamental importância na elaboração de um lugar propício onde seus alunos sintam vontade e prazer de estar em sua sala de aula, pois, sabe-se que a relação entre eles afeta na educação e no aprendizado, uma vez que a sala de aula se torna sua segunda casa. Sabe-se que existem dificuldades na valorização desse afeto, uma vez que a escola é fortemente influenciada por métodos que privilegiam o racionalismo que, com frequência desvalorizam a importância da vivência na formação do aluno. Em contraposição, a afetividade está constantemente presente na vida da criança de forma direta e indiretamente, uma vez que o professor e a escola tem o papel de formação contínua e importante no desenvolvimento psicossocial, afetivo e motor na vida do ser humano.

A escola é um espaço vivo, onde ocorre mudanças e se vivencia dificuldades cotidianas, atravessadas pelos desafios de se conviver com o outro, que implica singularidade e heterogeneidade, ao mesmo tempo, no entanto *“Se pensarmos sobre o papel da escola como um espaço de formal, estamos restringindo o papel da educação”* (DIÁRIO DE CAMPO). Assim,

pode-se assumir que a educação, depois da LDB, deve-se promover o desenvolvimento global da criança, considerado um processo que engloba aspectos neurológicos, físicos, comportamentais, cognitivos, afetivos e sociais, trazendo dessa forma mudanças positivas ao longo do ciclo da vida. Sem dúvidas, que estas mudanças iniciam-se na vida intrauterina e a maturação ocorre durante toda a vida do ser humano, permitindo que este adquira diferentes habilidades (HALPERN et al, 2000; COLE; COLE, 2003). Nos primeiros anos de vida, as crianças exploram o mundo à sua volta e desenvolvem uma série de potencialidades por meio da capacidade humana de plasticidade cerebral. Erros ou possíveis deficiências ocorridas durante qualquer fase da maturação da criança podem resultar em consequências negativas para o desenvolvimento infantil. Muitas vezes, as consequências serão vistas somente em fase escolar ou em idades avançadas. Assim, identificar precocemente o processo de desenvolvimento das crianças é importante para evitar danos ao longo desse curso (BARROS et al, 2003).

O psicólogo na escola tem o papel de agente de mudanças, sendo um mediador diante dos conflitos que surgem com os alunos e professores, buscando assim a melhor maneira de que ambos entendam a importância da relação e bem estar de todos, no processo de aprendizagem que é intra e Inter psicológico. Desta maneira, o educador deve buscar metodologias junto ao núcleo gestor para identificar as dificuldades apresentadas por alunos e professores e assim fortalecer de forma favorável essa relação, a partir da realidade de cada instituição. Para Andaló (1984) a atuação do psicólogo na escola deve ser:

Aquela em que, sem excluir as contribuições da psicologia clínica e acadêmica, o profissional assuma o papel de agente de mudanças dentro da instituição escolar. Ele atuaria como um elemento centralizador de reflexões e conscientização dos papéis representados pelos vários grupos que compõem tal instituição.

Pode-se afirmar, a partir de uma visão histórico cultural do desenvolvimento que, o educador, além de mediador de conflitos, ele deve ser um facilitador das potencialidades do sujeito, considerando seu desenvolvimento prospectivo.

ALUNO-PROFESSOR: AS LINHAS E AS ENTRELINHAS DESSA RELAÇÃO

A partir das ideias e leituras apresentadas é fundamental refletir até que ponto a afetividade pode influenciar o desenvolvimento e a convivência dos alunos no processo de aprendizagem e como esta relação terá uma relevância na vida escolar de cada criança. Em

virtude do que foi mencionado, faz-se necessário reconhecer que educar é uma tarefa difícil e complexa, pois a aprendizagem é uma atividade contínua iniciando-se desde o nascimento e estendendo-se ao longo de toda a vida, e esse processo não se restringe a aprendizagem formal pela qual fica somente a escola responsável, mas deve incluir a participação da família, do núcleo gestor, e principalmente do professor, pois esse mantém uma relação direta com o aluno e as possíveis implicações que essa relação pode ocasionar.

Entende-se que o processo de aprendizagem é algo mútuo e instantâneo, e que tem uma relação direta e indiretamente com o professor e a instituição, pois cada sujeito tem a sua subjetividade e diferentes processos de aprendizagem, leva em conta a repensar se é relevante a questão de afetividade professor-aluno. Uma vez que se pode enunciar que a relação de afeto entre ambos pode ser de uma importância crucial na vida do aluno, pois o professor passa a ter uma ligação muito direta e diária na vida do mesmo (VIGOTSKY, 2000). O professor, muitas vezes, é resistente à essa vinculação com o aluno, antes de tudo, acredita-se que pelo fato dessa temática ser ainda um tabu, dentre os temas que atravessam a parca formação e capacitação de professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, a pesquisa partiu do pressuposto de refletir como a afetividade esta implicada no processo de aprendizagem da relação professor e aluno, compreendendo que a afetividade esta permeada nas relações estabelecidas entre os sujeitos desde os anos iniciais de vida. Por outro lado pode ser considerada que a relação professor e aluno têm uma influencia no espaço escolar, e que esta é mediada, principalmente, pelos professores.

Ao longo da pesquisa, procurei apontar como a afetividade se relaciona com o processo de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo dos alunos e como essa relação interfere na vida deles. Assim foi possível observar que os principais resultados giram em torno dos modos de mediação do professor com o aluno, em sala de aula, e os impactos de suas influências. Com isso, é preciso reconhecer a importância de fortalecer a sensibilidade no ato ensinar, que inclui os sentidos e o sentir, para além de métodos racionalistas e concretos que vão na direção de produzir resultados.

A relação professor-aluno tem uma grande importância, pode-se ressaltar a dimensão a que chamamos competência afetiva do professor, capaz de estabelecer um vínculo que é capaz de gerar no aluno uma confiança dentro da sala de aula que se torna favorável frente aos enfrentamentos das dificuldades de aprendizagem.

Por fim, ao longo dessa pesquisa e leituras dos textos, conseguiu-se ter clareza nos estudos e compreender toda a dimensão da aprendizagem relacionada a afetividade de aluno e professor, alcançando um objetivo de refletir sobre a afetividade na relação aluno-professor, no campo da educação infantil. Planejar e intervir nesses espaços, com um olhar mais sensível no que concerne o desenvolvimento e aprendizagem da criança diante da sua relação afetiva com o professor, sugere a necessidade de novas pesquisas que impliquem e reconfigurem a condução e postura do professor na sala de aula. Ainda assim, considero a partir dos estudos realizados para a pesquisa, que pude ter uma maior clareza e compreender a importância de ressaltar as relações afetivas na aprendizagem das crianças, seja ela, na área da psicologia escolar ou na pedagogia, abrangendo a escola e a sociedade.

REFERÊNCIAS

Andaló, C. S. A. (1984). **O papel do psicólogo escolar**. *Psicologia, Ciência e Profissão*, Ano IV, n.1: 43-46.

DANTAS, Heloysa, LA TAILLE, Yves, OLIVEIRA, Marta Kohl. Piaget, Vygotsky, Wallon: **teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

LEITE, S.A.S; TASSONI, E.C.M, **A afetividade em sala de aula**: As condições de ensino e a mediação do professor.

MORESI, Eduardo. **Metodologia de Pesquisa**. Brasília, 2003.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima; SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. **Inteligência. In: _____**. **Psicologia da Aprendizagem: processos, teorias e contextos**. 3. ed. Brasília: Líber Livro, 2011, p. 149-161.

PANIZZI, C.A.F.L, **A relação afetividade-aprendizagem no cotidiano da sala de aula**: Enfocando situações de conflito, 2010.

QUEIROZ, D. T.; VALL, J.; SOUZA, A. M. A.; VIEIRA, N. F. C. **Observação participante na pesquisa qualitativa**: conceitos e aplicações na área da saúde. Rio de Janeiro: Revista de Enfermagem 15(2): 276 - 83 abr/jun, 2007.

VIEIRA, V; HANSEN, J; VIEIRA, M.L. **Psicologia escolar na educação infantil: Atuação e prevenção em saúde mental**, 2009.

Vygostsky, et al. **Linguagem desenvolvimento e aprendizagem**. São paulo: ícone\edusp,1988.

WALLON H. **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Isabel Galvão. Ed. Vozes, 1995.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2005 [Texto original de 1941]

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.